

O POETA ENTRE A CASA E O CAMPO

MANOEL DE BARROS

já confessou em versos, embora esses também passassem a lhe render algum dinheiro desde que sua obra mereceu o interesse de uma grande editora e vem sendo publicada cuidadosamente, alcançando mesmo grandes tiragens.

Nesses dias, Manoel de Barros acabava de receber a notícia de que fora contemplado com o Prêmio Ministério da Cultura, no valor de R\$ 25 mil, que lhe foi entregue em solenidade no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Não é a primeira premiação desse poeta quase anônimo até a década de 1980, quando, já com mais de 70 anos, foi “revelado” ao país numa crônica de Millôr Fernandes, seu admirador — repetindo em certo sentido a história acontecida com Cartola, outro poeta da mesma grandeza que somente naquela idade obteve o reconhecimento devido.

Manoel, é sabido, não gosta de dar entrevistas, a não ser por escrito, e evita definitivamente o uso do gravador. Ele explica: “Sou muito tímido, não sei falar, e, quando pôem na minha frente aquela coisa, fico travado. Já escrever é o meu ofício, e nele fico mais à vontade. Entendo que posso fazer da entrevista um gênero literário, com valor estético. Em tudo o que escrevo existe essa tensão estética”. De fato, seis dessas entrevistas, concedidas sempre por escrito, estão editadas como apêndice no seu livro *Gramática expositiva do chão*.

Mas, a despeito dessa restrição, ele generosamente aceitou conversar várias horas, durante três dias, com o repórter — e o fez desinibida e copiosamente, tanto em sua casa, onde nos recebeu, como na fazenda de Santa Cruz, a 250 quilômetros de distância, no município de Corumbá, para onde nos transportamos num pequeno avião, meio habitual de locomoção dos fazendeiros do Pantanal.

O relato que se segue resume o essencial dessas conversas, quase sempre entrecortadas, ora por deslocamentos pela fazenda, ora por casos contados pelo poeta, conversas suas com os peões ou simples conhecidos, e até mesmo na surpresa de um delicioso almoço à mineira servido no terceiro dia por dona Stella. Ela ainda conserva os traços da mineira convicta, natural de Leopoldina, de senso pragmático, que trocou o Rio de Janeiro, cidade onde há mais de 50 anos conheceu o marido, por uma vida feliz em sua companhia no outão distante e desconhecido Mato Grosso.

O HOMEM MÚLDO, de aparência frágil, que nos recebe à porta de sua casa nem de longe lembra o personagem famoso, ultimamente assediado com frequência cada vez maior por jornalista que “descobriram” nele um dos grandes poetas brasileiros contemporâneos. Afável, dotado de uma simplicidade natural e espontânea, Manoel de Barros alardeia desde logo uma das características marcantes de sua personalidade: o bom humor estampado num largo sorriso que parece tê-lo acompanhado sem pausa ao longo de seus mais de 80 anos de vida.

Benjamino nos. A casa acolhedora é decorada com bom gosto e revela que o poeta vive confortavelmente em Campo Grande, ao lado da mulher, Stella, graças às duas fazendas que tem no Pantanal — administradas pelo filho João, já que como fazendeiro ele se julga tão inepto quanto para as muitas outras exigências da chamada vida prática: “Não fui para a sarjeta porque herdou uma fazenda de gado. Os bois me recriam”;